Quando a palavra volta a caminhar

Crônica da 1ª Turma de Educadores Populares em Presidente Vargas – Maranhão

Hilton César Neves da Silva

RESUMO: Esta crônica registra a experiência da primeira turma do Curso de Formação de Educadores Populares realizada em Presidente Vargas, Maranhão, pelo Programa Capacita em Rede, em parceria com o Movimento de Educação de Base. A partir de memórias, pesquisas de campo, jornadas comunitárias e propostas pedagógicas, o texto apresenta a educação popular como prática de escuta, diálogo, leitura crítica do território e ação coletiva. Destacam-se a busca ativa de jovens, adultos e idosos não alfabetizados, a Jornada Comunitária no Buriti do Manuca e sequências didáticas com as palavras geradoras CASA e CIDADÃO.

Palavras-chave: educação popular; alfabetização; território; cidadania; formação de educadores.

Apresentação

Em maio de 2026, a educação popular ganhou novos passos em Presidente Vargas, no Maranhão. A primeira turma do Curso de Formação de Educadores Populares reuniu pessoas de diferentes profissões, comunidades, experiências de fé, trajetórias de trabalho e histórias de participação social. Durante cinquenta horas, vividas entre os dias 9 e 31 de maio, a sala de formação tornou-se espaço de escuta, estudo, memória, diálogo e compromisso com a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Cada tema parecia puxar outro, como acontece nas boas conversas. Uma lembrança de infância encontrava a história de outra pessoa. Um problema vivido em uma comunidade despertava a reflexão sobre muitas outras.

Também nasceram produções que não deveriam terminar guardadas em uma gaveta. A turma organizou registros da pesquisa e da busca ativa, produziu portfólios de suas trajetórias, relatou as Jornadas Comunitárias e reuniu histórias no livro Memórias dos Educadores Populares de Presidente Vargas: histórias, memórias e afetos. Produziu ainda um vídeo sobre a experiência da formação. Este escrito organiza e amplia os registros produzidos pela turma. A crônica "Quando a palavra volta a caminhar" preserva a voz de quem viveu o processo formativo. Também foram reunidas as propostas pedagógicas elaboradas com a palavra geradora CASA e com a música "Cidadão".

A experiência da Jornada Comunitária recebe destaque especial. A visita à comunidade Buriti do Manuca mostrou que ler o mundo exige aproximar-se das pessoas, perceber os problemas do território e transformar a roda de conversa em lugar de análise e organização. Falta de água, estradas precárias, dificuldade de transporte escolar, fechamento da escola local, acesso limitado à saúde e pouca participação coletiva apareceram não como uma lista distante, mas como situações concretas que afetam famílias, crianças e trabalhadores.

Ela segue a lógica do ver, julgar e agir. Primeiro, observa e escuta a realidade. Depois, procura compreender as causas, os direitos negados e os desafios de mobilização. Por fim, apresenta caminhos construídos coletivamente: fortalecer as reuniões comunitárias, registrar as demandas, dialogar com o poder público, acompanhar compromissos e articular educação, saúde, infraestrutura e cidadania.

Mais do que reunir atividades, este texto busca guardar a memória da formação e mostrar que a palavra se torna educativa quando nasce da vida, circula entre as pessoas e volta ao território como reflexão, organização e esperança.

1 O começo de uma travessia

Em maio de 2026, alguma coisa começou a se movimentar em Presidente Vargas. Não era apenas uma turma que se reunia aos sábados e domingos. Era um conjunto de histórias que chegava pouco a pouco, trazendo cadernos, memórias, perguntas, experiências e a vontade de compreender melhor o lugar da educação na transformação da vida.

Nascia ali a primeira turma do Curso de Formação de Educadores Populares, realizada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Machado, por meio do Programa Capacita em Rede, em parceria com o Movimento de Educação de Base – MEB. Para quem olhasse somente o calendário, seriam quatro fins de semana. Para quem participou, aquele tempo se alargou: tornou-se oportunidade de olhar para dentro de si, reconhecer o próprio território e descobrir que a educação não começa no quadro, no livro ou na sala de aula. Ela começa na vida.

A turma era diversa, como diversas são as comunidades brasileiras. Havia professores, estudantes de Pedagogia, assistente social, sindicalistas, agentes de pastorais, lideranças comunitárias e representantes de diferentes tradições religiosas. Algumas pessoas vinham da zona rural; outras percorriam caminhos desde municípios vizinhos. Cada participante carregava uma maneira de compreender o mundo – e foi justamente nessa diversidade que a formação encontrou sua maior riqueza.

Na Educação Popular ninguém chega vazio. Cada pessoa traz conhecimentos aprendidos no trabalho, na família, na comunidade, na fé, na luta cotidiana e nas dificuldades enfrentadas. Por isso, as cadeiras em círculo pareciam dizer, antes mesmo do início das conversas, que ali ninguém seria apenas ouvinte. Todos tinham alguma coisa a ensinar. Todos tinham muito a aprender.

A rotina dos encontros ajudava a transformar esse princípio em prática. A acolhida afetiva perguntava: "Como cheguei aqui hoje?". A mística de abertura preparava o coração e o pensamento. Depois vinham a apresentação do tema, a roda de conversa, o estudo em grupo, a partilha, as conclusões e o registro pessoal no caderno. A cada encontro, o conteúdo deixava de ser algo pronto e passava a ser tecido pelas vozes da turma.

Uma sala em círculo não era apenas a disposição das cadeiras. Era uma escolha pedagógica: olhar nos olhos, reconhecer a palavra do outro e compreender que ensinar e aprender são movimentos compartilhados.

2 Ler o mundo antes de escrever a palavra

Sob a orientação do professor Hilton César Neves da Silva, a turma percorreu os fundamentos da Educação Popular, refletiu sobre a alfabetização de jovens, adultos e idosos e estudou os desafios vividos por quem teve o direito à escolarização interrompido ou negado. Paulo Freire estava presente não como lembrança distante, mas como companhia de caminhada: na escuta sensível, na problematização, no respeito às experiências e na confiança de que toda pessoa pode aprender e ensinar.

"Ler o mundo" deixou de ser somente uma expressão conhecida. Tornou-se exercício. Era preciso observar as comunidades, escutar seus moradores, identificar pessoas que não sabiam ler e escrever, compreender as razões do abandono escolar e perguntar quais obstáculos ainda impediam tantos homens e mulheres de retornar à escola. A pesquisa de campo e a busca ativa ensinaram que procurar um educando não é preencher uma ficha: é aproximar-se com respeito, ouvir sua história e fazer um convite que acolhe, em vez de constranger.

Em uma das socializações da pesquisa, foram reunidos relatos de sessenta e cinco pessoas que não sabiam ler e escrever. Muitas falaram de vergonha, tristeza e arrependimento por não terem estudado quando eram mais jovens. Contaram como a ausência da leitura dificulta pegar um ônibus, compreender placas, assinar documentos ou resolver questões pessoais sem depender de outras pessoas. Ao imaginar uma vida alfabetizada, falaram de autonomia, melhores oportunidades de trabalho e confiança para enfrentar as situações do cotidiano.

Esses relatos também revelaram uma força importante. Mesmo sem terem frequentado a escola, muitos entrevistados incentivavam os filhos a estudar, porque não desejavam que eles vivessem as mesmas limitações. A educação aparecia, assim, como uma esperança que atravessa gerações. Não era somente aprender letras; era conquistar independência, dignidade, participação e possibilidade de escolha.

Aos poucos, os cursistas compreenderam que o educador popular não é dono da palavra. É aquele que ajuda a palavra a circular. Não leva respostas prontas, mas constrói perguntas. Não olha o outro a partir de suas ausências, mas reconhece os saberes acumulados ao longo da vida. Nas rodas de conversa, sonhos e dificuldades se encontravam; uma lembrança de infância se ligava à experiência de outra pessoa; um problema vivido numa comunidade despertava reflexão sobre muitas outras.

A busca ativa humanizada começa quando o educador substitui a pergunta "por que você não estudou?" por uma escuta mais justa: "o que aconteceu em sua trajetória e o que pode tornar possível o seu retorno à aprendizagem?".

3 Palavras que carregam o mundo

Durante a formação, discutiram-se cidadania, direitos humanos, desigualdade, trabalho, moradia, território e participação comunitária. Também nasceram produções que não deveriam terminar guardadas em uma gaveta: registros de pesquisa e busca ativa, portfólios de trajetórias, relatos das Jornadas Comunitárias, memórias dos educadores, vídeos e propostas pedagógicas.

A palavra CASA deixou de ser apenas uma combinação de letras ou uma divisão silábica. Passou a significar abrigo, família, afeto, pertencimento, dignidade e direito. Ao falar de casa, a turma falou também de aluguel, saneamento, segurança, falta de água e desigualdade habitacional. Alfabetizar, naquele contexto, era aprender a ler CA–SA e, ao mesmo tempo, perceber que nem toda moradia oferece proteção e que o direito à casa digna precisa ser conhecido e defendido.

A música "Cidadão" também abriu uma porta. Sua narrativa sobre o trabalhador que ajuda a construir a cidade, mas não usufrui plenamente dos direitos que ajudou a erguer, provocou perguntas: quem constrói nossas escolas, casas, ruas e edifícios? Quem recebe reconhecimento? Quem trabalha muito e ainda encontra barreiras para estudar, morar com dignidade, cuidar da saúde ou participar das decisões? A palavra CIDADÃO tornou-se leitura, escrita e consciência crítica.

Quando chegou o dia 31 de maio, ninguém era exatamente a mesma pessoa que havia chegado no primeiro sábado. Vinte e seis educadores concluíram o percurso. Permaneceram amizades, materiais, descobertas e compromissos. No dia 11 de julho, a certificação reuniu cursistas, familiares, parceiros e convidados. O certificado não significava ponto-final; parecia dizer que a caminhada continuava.

A criação do Núcleo de Estudos do MEB em Presidente Vargas e a participação no GE-MEB tornaram-se sinais dessa continuidade. A formação começava a criar raízes, abrindo possibilidades para novos círculos de cultura, novas ações comunitárias e turmas de alfabetização. Como lembraram os depoimentos da turma, a experiência fortaleceu o pensamento crítico, a responsabilidade social, a escuta e a certeza de que quem ensina também aprende.

A cursista Ivete Pereira Almeida, assistente social e integrante do GE-MEB, traduziu em seu depoimento a força formativa e humana dessa experiência:

> Ter participado e concluído o curso de Educador Popular do MEB foi extremamente gratificante, pois propiciou que eu tivesse contato com o método de ensino inovador de Paulo Freire, que considera a educação como ferramenta fundamental para a transformação da sociedade e ensina a ler o mundo.
>
> Uma educação libertadora, que estimula o pensamento crítico do aluno e o coloca como sujeito ativo do processo de aprendizagem e de sua própria história, indo além da simples memorização.
>
> O curso oportunizou também conhecermos e estudarmos documentos como o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas, os livros de Paulo Freire – Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia, além de outros livros relacionados aos temas trabalhados na apostila do MEB.
>
> Participamos e aprendemos várias dinâmicas e também como elaborar um portfólio, que foi o nosso trabalho final.
>
> Queremos ressaltar que o nosso instrutor, professor Hilton César Neves da Silva, contribuiu decisivamente para que o curso alcançasse o sucesso que alcançou. Ele é referência de conhecimento, compromisso e amor ao próximo.
>
> Valeu muito a pena ter participado desse curso. Com o conhecimento adquirido, espero continuar contribuindo para que o meu próximo tenha vida, e vida em abundância.
>
> Ivete Pereira Almeida – assistente social, cursista e membro do GE-MEB

Talvez seja essa a imagem que melhor permaneça: pessoas que chegaram carregando suas próprias histórias e saíram carregando também as histórias umas das outras. A palavra voltou a caminhar primeiro dentro da sala, passando de pessoa para pessoa. Depois seguiu pelas comunidades, pelas estradas, pelas casas e pelos lugares onde ainda existe alguém esperando uma oportunidade. A primeira turma concluiu o curso, mas deixou aberta uma página. Nela, ainda há muito a escrever.

A JORNADA COMUNITÁRIA

4 Buriti do Manuca: o território toma a palavra

A Jornada Comunitária permitiu que a formação saísse da sala e encontrasse a realidade concreta. Na comunidade Buriti do Manuca, a escuta de uma moradora – Daniele, residente no local havia oito anos – revelou dificuldades que se cruzavam e ampliavam umas às outras. A falta de água, as péssimas condições das estradas e a ausência regular de transporte escolar apareciam no cotidiano como obstáculos à educação, à saúde, ao trabalho e ao direito de ir e vir.

A situação da escola local provocou especial preocupação. Embora existisse uma unidade dentro do povoado, ela havia sido fechada para que as crianças fossem levadas a uma comunidade vizinha. O transporte, entretanto, não funcionava adequadamente. O problema deixava de ser apenas administrativo: significava risco de faltas, atraso na aprendizagem, insegurança das famílias e enfraquecimento do vínculo da comunidade com sua própria escola.

Na área da saúde, os moradores precisavam atravessar até a comunidade Sapucaial, do outro lado do rio, para chegar à Unidade Básica de Saúde mais próxima. As estradas ruins e a distância tornavam mais difícil aquilo que já era limitado. A ausência de água e infraestrutura adequada mostrava que os direitos não podem ser tratados de forma isolada: quando um serviço falha, muitos aspectos da vida são afetados.

Outro desafio apareceu na própria organização comunitária. Segundo o relato, poucas pessoas se envolviam na busca de soluções. Questões políticas, receio de represálias e descrença nas respostas do poder público enfraqueciam a participação. A roda de conversa ajudou a compreender que a falta de união não deve ser vista como culpa dos moradores, mas como efeito de experiências anteriores de abandono, medo e promessas não cumpridas.

A experiência mostrou a importância dos três movimentos trabalhados na formação. VER foi caminhar, observar, perguntar e escutar sem julgar. JULGAR foi relacionar os problemas aos direitos sociais, identificar responsabilidades e compreender suas causas. AGIR foi transformar a conversa em proposta, distribuir tarefas, registrar encaminhamentos e construir uma presença coletiva diante das autoridades.

O que a jornada ensinou é que uma comunidade não é definida apenas por suas carências. Ela também possui memória, vínculos, conhecimentos e capacidade de organização. A roda de conversa torna visíveis tanto os problemas quanto as forças que podem ajudar a enfrentá-los.

5 Da roda de conversa ao plano de ação

As soluções abaixo foram organizadas como caminhos possíveis a partir das demandas escutadas. Elas dependem de participação comunitária, diálogo institucional e acompanhamento contínuo; não substituem a responsabilidade do poder público.

Problema identificado	Desafio principal	Soluções construídas nas rodas de conversa
Transporte escolar irregular	Garantir frequência, segurança e continuidade dos estudos.	Protocolar a demanda; solicitar cronograma e rota; formar comissão de famílias; registrar dias sem transporte; acompanhar respostas da Secretaria de Educação.
Escola da comunidade fechada	Evitar deslocamentos longos e preservar o vínculo da escola com o território.	Solicitar avaliação pública sobre reabertura; apresentar número de estudantes; discutir turma multisseriada ou alternativa comunitária enquanto a solução definitiva é analisada.
Estradas em condições precárias	Assegurar acesso à escola, à saúde e à circulação de moradores.	Mapear os trechos críticos; produzir registro fotográfico; encaminhar ofício coletivo; pedir calendário de manutenção e monitorar a execução.
Falta de água e acesso difícil à saúde	Atender necessidades básicas e reduzir deslocamentos pelo rio.	Reivindicar solução regular de abastecimento; solicitar visitas periódicas da equipe de saúde; articular agentes comunitários e divulgar datas de atendimento.
Pouca participação e medo de represálias	Reconstruir confiança e proteger a participação democrática.	Realizar rodas em ambiente acolhedor; adotar decisões coletivas; dividir responsabilidades; registrar atas; envolver associação, igreja, escola e outras lideranças.
Sensação de abandono pelo poder público	Transformar reclamações dispersas em pauta organizada e acompanhada.	Criar agenda de prioridades; entregar documento assinado; pedir reunião formal; definir prazos; divulgar devolutivas e manter diálogo sem vinculação partidária.

Encaminhamentos para continuidade

- Realizar nova roda de conversa para validar as prioridades e escolher representantes da comunidade.
- Elaborar um documento único, com evidências, assinaturas, responsáveis e prazo para retorno.
- Manter um caderno comunitário de acompanhamento, registrando reuniões, respostas e providências.
- Avaliar os resultados coletivamente e reorganizar as ações quando necessário.

Sequência didática — palavra CASA

Casa, moradia, direitos e cidadania

Público-alvo: jovens e adultos em processo de alfabetização. Duração sugerida: cinco encontros de aproximadamente duas horas. A proposta integra leitura, escrita, oralidade e reflexão crítica, valorizando as experiências dos educandos e evitando a repetição das apresentações anteriores.

Justificativa

A palavra CASA pertence ao vocabulário cotidiano e carrega sentidos afetivos, sociais e políticos. Pode significar abrigo, família, segurança e pertencimento, mas também permite discutir aluguel, falta de água, saneamento, precariedade e o direito à moradia digna. Na perspectiva da Educação Popular, alfabetizar é aprender a ler a palavra e, simultaneamente, compreender a realidade que ela representa.

Objetivos

- Reconhecer, ler e escrever a palavra CASA; identificar letras, vogais, consoantes e sílabas.

- Ampliar o vocabulário, formar novas palavras e produzir frases e pequenos textos.
- Valorizar memórias e experiências relacionadas ao lar, à família e à comunidade.
- Compreender a moradia como direito social e problematizar as desigualdades habitacionais.
- Incentivar observação do território, diálogo e participação na busca de melhorias.

1º encontro – Acolhida e leitura do mundo

- Apresentar imagens de diferentes moradias: casa de alvenaria, apartamento, palafita, construção rural e habitação precária.
- Promover roda de conversa com as perguntas: O que é casa para você? O que transforma uma casa em lar? Toda pessoa tem moradia digna? Quais dificuldades existem na comunidade?
- Registrar no quadro as palavras trazidas pela turma: família, lar, bairro, comunidade, água, energia, segurança, aluguel e saneamento.
- Construir um painel inicial: "Nossa casa, nossas memórias, nossos direitos".

2º encontro — Descoberta da palavra

- Apresentar CASA em cartaz; realizar leitura coletiva e individual.
- Analisar C – A – S – A; identificar vogais A–A, consoantes C–S e o som de /z/ produzido pelo S entre vogais.
- Separar CA – SA; marcar o ritmo com palmas; montar a palavra com letras e sílabas móveis.
- Explorar famílias silábicas: CA–CO–CU e SA–SE–SI–SO–SU, observando a mudança sonora em CE e CI.

Pergunta problematizadora

Uma casa é somente um teto ou também envolve água, segurança, respeito, convivência e acesso aos serviços da comunidade?

Sequência CASA – desenvolvimento e avaliação

3º encontro – Formação de palavras e produção de texto

- Combinar sílabas e formar palavras, como cama, cabo, saco, sala, sino e casaco.
- Produzir lista de objetos e espaços da casa: porta, janela, cama, cozinha, banheiro, quintal e telhado.
- Ler coletivamente a frase: "A CASA É UM DIREITO DE TODOS." Identificar palavras, espaços e a palavra geradora.
- Escrever frases ou pequeno relato: "Minha casa representa...", respeitando diferentes níveis de escrita.

4º encontro – Moradia, comunidade e direitos

- Retomar as questões da primeira roda: aluguel, saneamento, água, energia, segurança e localização.
- Construir um mapa simples da comunidade, marcando moradias, escola, posto de saúde, estrada, rio e pontos que precisam melhorar.
- Debater: quais direitos estão garantidos? Quais não estão? Quem deve participar das soluções?
- Produzir, em grupos, cartazes com propostas de melhoria e possíveis responsáveis.
- 5º encontro – Síntese e ação coletiva
- Revisar a palavra CASA, suas sílabas e palavras formadas.
- Elaborar texto coletivo: "A casa que temos e a comunidade que queremos".
- Organizar exposição com desenhos, relatos, listas, mapas e cartazes de direitos.
- Escolher um encaminhamento viável: nova roda comunitária, carta de solicitação, campanha educativa ou apresentação à associação de moradores.

Recursos e avaliação

Recursos: imagens, cartazes, quadro, letras móveis, revistas, papel kraft, cadernos, lápis e registros da comunidade. A avaliação será contínua e formativa, considerando participação, oralidade, reconhecimento da palavra, identificação das sílabas, formação de novas palavras, produções escritas e capacidade de relacionar alfabetização, moradia e realidade social.

Produto final sugerido

Painel "CASA: palavra, memória e direito", reunindo escrita dos educandos, mapa comunitário e propostas construídas coletivamente.

Sequência didática – música "Cidadão"

Trabalho, educação, direitos e participação social

Público-alvo: jovens e adultos em processo de alfabetização. Duração sugerida: cinco encontros de aproximadamente duas horas. A música "Cidadão", conhecida na voz de Zé Ramalho, funciona como ponto de partida para refletir sobre o trabalhador, as desigualdades e o direito de participar plenamente da sociedade. A proposta também explora a palavra geradora CIDADÃO.

Justificativa e objetivos

- Desenvolver escuta, leitura, escrita e interpretação a partir de uma obra musical ligada à experiência dos trabalhadores.
- Ler e escrever CIDADÃO; identificar letras e sílabas; ampliar vocabulário e produzir frases.
- Refletir sobre trabalho, dignidade, educação, saúde, moradia e acesso aos serviços públicos.
- Distinguir direitos e deveres, reconhecer desigualdades e incentivar participação cidadã.
- Valorizar histórias de vida, profissões e conhecimentos construídos no trabalho e na comunidade.

1º encontro – Acolhida, música e saberes prévios

- Perguntar: O que é ser cidadão? Basta possuir documento? Como o trabalho contribui para construir a sociedade?
- Ouvir a música sem distribuir a letra completa; convidar os educandos a dizer palavras, cenas e sentimentos percebidos.
- Registrar no quadro: trabalho, respeito, direitos, educação, saúde, moradia, participação e dignidade.
- Problematizar: quem constrói a cidade tem acesso aos direitos e espaços que ajudou a construir?

2º encontro – Palavra geradora CIDADÃO

- Apresentar a palavra CIDADÃO; realizar leitura coletiva e individual.
- Separar CI – DA – DÃO; identificar C – I – D – A – D – Ã – O; circular vogais e destacar sílabas.
- Explorar palavras relacionadas: cidade, dado, data, dança, união, educação, coração e cidadão.
- Produzir frases simples: "Eu sou cidadão." "Tenho direitos." "Meu trabalho tem valor."

Sequência "Cidadão" – desenvolvimento e ação

3º encontro – Trabalho, direitos e desigualdades

- Retomar a mensagem da música por meio de perguntas e pequenos trechos previamente selecionados pelo educador, sem necessidade de reproduzir a letra integral.
- Convidar a turma a contar experiências de trabalho, aprendizagens do ofício, reconhecimento e situações de desrespeito.
- Ler o texto: "O cidadão vive em comunidade. Possui direitos, deveres e participa das decisões que afetam sua vida."
- Organizar dois painéis: Direitos – educação, saúde, moradia, trabalho digno e transporte; Deveres – respeito, cuidado com os espaços coletivos e convivência responsável.

4º encontro - Cidadania na comunidade

- Observar a realidade: ruas, estradas, escola, posto de saúde, transporte, água, espaços de convivência e atendimento público.
- Perguntar: O que funciona bem? O que precisa melhorar? Quem é mais afetado? Como podemos participar?
- Relacionar o debate à Jornada Comunitária e às formas de participação: reuniões, associações, conselhos, ofícios, audiências e acompanhamento das demandas.
- Elaborar uma pauta coletiva com um problema prioritário, causas, direitos envolvidos, responsáveis e proposta de ação.

5º encontro – Produção final e compromisso

- Revisar CIDADÃO, as sílabas estudadas, direitos, deveres e participação.
- Produzir coletivamente o texto: "Ser cidadão é viver com dignidade, respeitar o outro e participar da transformação da comunidade".
- Criar o painel "Somos trabalhadores, somos cidadãos", com textos, profissões, fotos autorizadas, direitos e propostas.
- Realizar roda de avaliação: O que aprendemos? O que mudou em nosso olhar? Qual ação podemos iniciar ou fortalecer?

Recursos, avaliação e fundamento

Recursos: áudio da música, aparelho de som, quadro, cartazes, letras móveis, imagens da comunidade, jornais, papel kraft e cadernos. A avaliação será contínua, observando participação, escuta, leitura, escrita, interpretação, produção coletiva e relação entre cidadania e vida comunitária. A sequência inspira-se na Educação Popular e na alfabetização problematizadora: a palavra não é ensinada separada do mundo que ela nomeia.

CASA e CIDADÃO podem culminar numa mostra conjunta: "Direito de morar, trabalhar, aprender e participar", aproximando alfabetização, Jornada Comunitária e ação cidadã.

Porque a Educação Popular é assim.

Ela não promete caminhos fáceis. Ensina a caminhar em comunidade.

Não oferece luz apenas a quem ainda não conhece as letras. Ajuda todos nós a enxergar aquilo que, muitas vezes, estava diante dos olhos e ainda não havíamos aprendido a ler.

E foi assim que, naquele maio de 2026, em Presidente Vargas, a palavra voltou a caminhar. Primeiro dentro da sala, passando de pessoa para pessoa. Depois pelas comunidades, pelas estradas, pelas casas e pelos lugares onde ainda existe alguém esperando uma oportunidade.

A primeira turma concluiu o curso, mas deixou aberta uma página.

Nela, ainda há muito a escrever.

Ao recordar a canção "Tocando em Frente", de Almir Sater e Renato Teixeira, sua mensagem se aproxima do sentido desta experiência:

> Ando devagar Porque já tive pressa, E levo esse sorriso Porque já chorei demais... Hoje me sinto mais forte, Mais feliz, quem sabe, Só levo a certeza, De que muito pouco sei, Ou nada sei" (Sater; Teixeira, 1992).

E assim o educador popular caminha.

Quem é o autor?

Hilton César Neves da Silva é pedagogo, com Especialização em Gestão Escolar integrada, com habilitação em Administração, Inspeção, Orientação e Supervisão e em Psicopedagogia com ênfase em Educação Inclusiva, Professor dos Anos Iniciais das Redes Municipais de Ensino de Presidente Vargas e Vargem Grande, ex-Assessor Educacional do Município de Itapecuru Mirim (2021 e 2022), ex-Secretário de Educação dos Municípios de Presidente Vargas (2017-2020) e de Itapecuru Mirim (2023 e 2024), coordenou o Arranjo de Desenvolvimento Educacional Território dos Balaios – "ADE Balaios", membro fundador da Academia Vargengrandense de Letras e Artes – AVLA, membro fundador da Academia de Ciências, Letras e Artes de Presidente Vargas – ACLAPREV, na qual exerce a função de Presidente, membro correspondente das Academias: Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes – AICLA, João Lisboense de Letras e Artes – ACLAJOL, e da Zedoquense de Letras- AZL, ex-Vice-Presidente da Diretoria da UNDIME/MA (junho de 2023 a março de 2025), coautor dos livros "O Iguaraense", "Púcaro Literário IV" e "Itapecuruenses Notáveis III", além de organizador das coletâneas "Resgate da História de Presidente Vargas" e "História da Educação de Presidente Vargas"; palestrante com ênfase em Educação, Família, Cidadania, Direitos Humanos e Competências Socioemocionais, relações étnico-raciais, educação do futuro, BNCC, Novo FUNDEB, Indicadores educacionais, etc. Coordenador da Equipe de Campanha da Fraternidade da Diocese de Coroatá, Militante das Pastorais da Igreja Católica, como: Pastoral da Juventude, Pastoral da Família e Articulador do Movimento de Educação de Base – MEB da Diocese de Coroatá, Formador da Editora Moderna e do Programa TCE + Movimento (Caxias, Santa Inês e Bacabal), Articulador da RENAPAR – Regional de Itapecuru Mirim/MA. Palestrante nos Municípios: Presidente Vargas, Nina Rodrigues, Primeira Cruz, Afonso Cunha, Santana do Maranhão, Pinheiro, Itapecuru-Mirim, Vargem Grande, Serrano do Maranhão, São João Batista, Coroatá, Codó, Caxias, Santa Inês, Bacabal, Icatu, Peritoró, Cururupu, Central do Maranhão, Anapurus, Mirador.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lúcio. Cidadão. Intérprete: Zé Ramalho. *In*: RAMALHO, Zé. **Frevoador**. [S. l.]: Columbia, 1992. 1 disco sonoro.

BRASIL. Secretaria-Geral da Presidência da República. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Brasília, DF, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS; MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **Curso de Formação de Educadores Populares**: material didático do Programa Capacita em Rede. Machado, MG; Brasília, DF, 2026. Material de curso.

SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. Tocando em frente. Intérprete: Almir Sater. *In*: SATER, Almir. **Almir Sater ao vivo**. [S. l.]: Sony Music, 1992. 1 disco sonoro, faixa 2.